

Ciro muda de idéia e admite examinar acordo com o Fundo. PT só quer falar sobre propostas concretas. Porta-voz do FMI sugere acordo para 2003 e pede compromisso dos candidatos a presidente. Fernando Henrique faz desabafo contra mercado

Lula espera convite de FHC para conversar

Armando Mendes e
Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio,
com agências

Esta é uma semana de novidades na vida de Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato do Partido dos Trabalhadores à Presidência da República. Na terça-feira, foi aplaudido com entusiasmo pelos empresários reunidos na Federação das Indústrias de São Paulo, a Fiesp. E ontem ganhou um elogio indireto do Fundo Monetário Internacional, pela boca do porta-voz do FMI.

Thomas Dawson, diretor de Relações Externas do Fundo, pediu um compromisso claro dos principais candidatos com o acordo que está sendo negociado entre o FMI e o governo brasileiro para enfrentar a atual crise dos mercados. E considerou positivo o apoio de

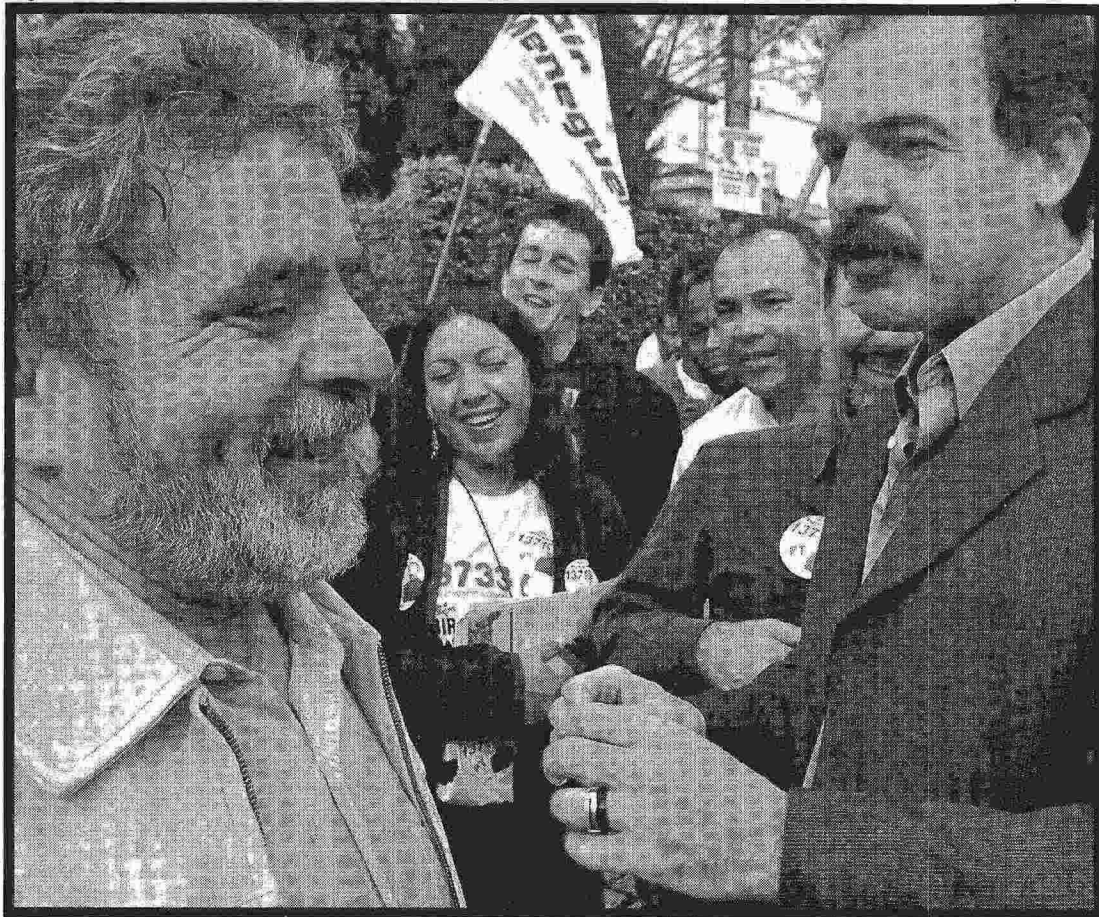
um "importante candidato da oposição" à nova meta de superávit nas contas públicas anunciada em junho pelo governo.

Dawson não disse o nome, mas foi Lula o candidato que anunciou apoio à elevação do superávit primário de 3,5% para 3,75% do Produto Interno Bruto (PIB). O candidato do PT, que lidera as pesquisas eleitorais, voltou ontem a jogar a bola para o campo do governo, atribuindo ao presidente Fernando Henrique Cardoso a responsabilidade de tomar a iniciativa de qualquer conversa sobre o FMI.

"Quem tem que assinar ou não acordo é ele", disse Lula em São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo. Resolvendo que preferia buscar outro remédio que não a ajuda do FMI, completou: "Se ele entender que tem de convocar a oposição para conversar, que convoque. Eu converso com todo mundo".

Lula usou na entrevista uma imagem da memória coletiva dos brasileiros: a final da Copa do Mundo de 58, na Suécia,

Sergio Castro/AE



LULA (E) MANDOU UM RECADO PARA FHC: "SE QUISER CHAMAR A OPOSIÇÃO PARA CONVERSAR, QUE CONVOQUE"

que o Brasil ganhou derrotando de virada o time da casa. "O presidente deveria fazer como o Didi na Copa", instigou Lula. "Quando o Brasil sofreu o primeiro gol, o Didi foi lá, pegou a bola, saiu de cabeça erguida para o meio do campo e falou: vamos ganhar esse jogo". E explicou: "O presidente não pode ficar abalado. O Brasil tem condições de crescer".

CIRO MUDA

Já o candidato Ciro Gomes, da frente PPS-PTB-PDT, em segundo lugar nas pesquisas eleitorais, abrandou a posição que vinha sustentando até agora, de recusa frontal a um entendimento com o FMI. Em campanha em Varginha (MG), Ciro disse ontem que, se eleito, aceitaria examinar um acordo com o Fundo para vigorar nos primeiros meses de governo. Mas condicionou o apoio a um exame das "condições macroe-

conômicas" do país.

O candidato do governo, José Serra (PSDB-PMDB), terceiro colocado nas pesquisas, apoiou explicitamente os entendimentos com o FMI. "Sou a favor do acordo para a segurança da economia", afirmou em Brasília. "Falo como brasileiro, como senador e como alguém que entende de economia".

No final da tarde, o presidente do PT, José Dirceu — que esteve há poucas semanas nos Estados Unidos apresentando o programa de seu partido ao governo americano, aos investidores e às instituições internacionais — disse que não concordaria, por exemplo, com uma eventual exigência de subida dos juros.

Dirceu negou que venha conversando diariamente com o presidente Fernando Henrique Cardoso, como anunciado ontem por um site de notícias. E disse que o PT dirá o que pensa se for convidado a se manifestar sobre propostas concretas, não em tese. Por enquanto, mantém o compromisso com a estabilidade da moeda, o cumprimento de

contratos e o câmbio flutuante assumido por Lula no dia 22 de junho, numa carta à nação. "Para nós, isso basta; é o limite".

Dirceu disse ainda que o partido não pode aceitar compromissos políticos futuros como "imposição". Mas ressaltou: não acredita que Thomas Dawson tenha falado com esse sentido, lembrando que as notícias das agências internacionais permitiam mais de uma interpretação: "Nesses termos (referindo-se à maneira como uma repórter apresentou as declarações de Dawson), não seria uma negociação, seria um ultimato. O FMI estaria querendo se substituir ao povo brasileiro, que vai decidir que políticas quer em 6 e 27 de outubro".

Segundo o porta-voz do FMI, a negociação em andamento pode resultar num acordo que se estenderia até 2003, o primeiro ano do mandato do futuro presidente. Para isso, acrescentou — na tortuosa linguagem diplomático-financeira do Fundo — será preciso garantir apoio político suficiente a medidas "críveis", por meio de um entendimento que inclua não apenas as autoridades, mas o "sistema político". Traduzindo, que os candidatos à eleição presidencial de outubro se comprometam com as políticas necessárias para cumprir o acordo. Mas a forma desse compromisso ainda não está clara.

O DÓLAR ONTEM

3,45

10h

MANHÃ

O dólar começa a sua queda forte, provocada pelos comentários favoráveis do porta-voz do FMI, Thomas Dawson. Ele disse que a ajuda ao país é urgente e poderá se estender até 2003, primeiro ano de governo do próximo presidente da República.

3,35

11h

3,39

12h

TARDE

A cotação do dólar desaba de vez com o apoio explícito do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Paul O'Neill, a uma ajuda ao Brasil por parte de instituições financeiras internacionais, como o FMI.

3,30

13h

3,28

14h

3,23

15h

3,13

16h

3,14

17h